

# Percepção de letras de músicas como inspiradoras de comportamentos antissociais e pró-sociais

Carlos Eduardo Pimentel

Hartmut Günther

Universidade de Brasília  
Brasília, DF, Brasil

## RESUMO

Instituições, pesquisadores, pais e professores têm se preocupado com letras de músicas principalmente de rap e heavy metal. Com o fim de contribuir com o debate acerca da influência destas letras de músicas no comportamento, objetivou-se verificar empiricamente a percepção destas letras de músicas como sendo mais inspiradoras de comportamentos anti e/ou pró-sociais e manipular a apresentação do examinador (padrão vs. formal) para verificar possíveis diferenças. 83 estudantes universitários classificaram 8 versos líricos de rap e heavy metal em uma escala do tipo Likert de 7 pontos no que diz respeito a se influenciariam mais comportamentos anti e/ou pró-sociais. Os principais resultados indicam que letras de rap e heavy metal podem ser percebidas como inspiradoras de comportamentos anti e pró-sociais. Observou-se ainda efeito da apresentação do examinador nas respostas dos sujeitos. Estes resultados são interpretados com base na teoria da aprendizagem social e pesquisas prévias na literatura psicológica internacional.

**Palavras-chave:** Letras de músicas; comportamentos antissociais; comportamentos pró-sociais.

## ABSTRACT

*Perception of song lyrics as inspiring of antisocial and prosocial behaviors*

Institutions, investigators, parents and teachers have if preoccupied about song lyrics principally of rap and heavy metal. With the end of contributing with the discussion about the effects of these song lyrics in the behavior, there aimed to check empirically the perception of these song lyrics how being more inspiring of antisocial and/or prosocial behaviors and to manipulate the presentation of the examiner (alternative vs. standard) to check possible differences. 83 university students classified 8 musical lyric verses of rap and heavy metal in a Likert scale of 7 points what concerns behaviors would be influenced more anti and prosocial. The principal results indicate which lyrics of rap and heavy metal music they can be realized how inspiring of antisocial and prosocial behaviors. There was still observed effect of the presentation of the examiner in the answers of the subjects. These results are interpreted on basis of the social learning theory and prior research in the international psychological literature.

**Keywords:** Song lyrics; antisocial behavior; prosocial behavior.

## RESUMEN

*Percepción de letras musicales como inspiradores de conductas antisociales y prosociales*

Instituciones, investigadores, padres y profesores se han preocupado principalmente con letras de canciones de rap y heavy metal. Con el fin de contribuir al debate sobre la influencia de las letras de canciones en el comportamiento se buscó comprobar empíricamente la percepción de estas canciones musicales como fuente de inspiración de conductas antisociales y prosociales. Intentouse además manipular la presentación del examinador (alternativa vs. padrón) para comprobar las posibles diferencias. 83 alumnos evaluaron 8 versos musicales de rap y heavy metal en una escala de Likert de 7 puntos con respecto a la influencia antisocial y prosocial. Los principales resultados indican que las letras del rap y heavy metal, se pueden considerar como inspiradores de conductas antisociales y prosociales. Se verificó efecto de la presentación del examinador en las respuestas de los sujetos. Dichos resultados se interpretan sobre la base de la teoría del aprendizaje social y las investigaciones previas en la literatura psicológica internacional.

**Palabras clave:** Letras de canciones; conductas antisociales; conductas prosociales.

A influência de letras de músicas principalmente de *heavy metal* e *rap* tem preocupado pesquisadores e instituições científicas como a Associação Americana de Psicologia (APA) e a Associação Americana de

Pediatria (AAP, American Academic of Pediatrics, 1996; *American Psychological Association*, 2007). Letras destas músicas foram consideradas uma ameaça para a saúde e bem-estar e comportamentos sociais de

adolescentes, pela forma que abordaram temas como a violência, a degradação sexual, o uso de drogas e o álcool (*American Psychological Association*, 2007; Anderson, Carnagey e Eubanks, 2003; Hogan et al. 1996; Huesmann, Moise e Podolski, 1997). Deve-se lembrar que, em meados de 1980, a organização americana *Parents' Music Resource Center* (Centro de Recurso Musical dos Pais; PMRC) considerou que as letras de músicas estavam cada vez mais violentas, com conteúdo sexual explícito e incentivo ao uso de álcool e drogas (Silva, 2008). O que levou a uma classificação dos conteúdos das músicas, semelhante ao que se viu nos filmes, incluindo a etiqueta *Parental Advisory: Explicit Lyrics* (Aviso aos Pais: Letras Explícitas) nos álbuns, principalmente de *rock* e afins, com objetivo de alertar os pais sobre o conteúdo das letras de músicas que seus filhos estavam escutando. Apesar da importância desta questão, a pesquisa sobre efeitos de letras de músicas agressivas ainda se encontra num estágio inicial (Anderson et al., 2003).

### A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA

Numa comparação de atividades de lazer, verificou-se que ouvir música era a atividade mais frequente do que assistir televisão, ler livros e assistir a filmes (Rentfrow e Gosling, 2003). Os autores concluíram que a música tem um papel envolvente sobre a vida das pessoas. A música tem uma participação importante em facilitar que as pessoas se conheçam e se atraiam umas pelas outras, criando cenários para os relacionamentos humanos (Huron, 1999), além de ajudar a definir a identidade pessoal e social (Bakagiannis e Tarrant, 2006; Tekman e Hortaçsu, 2002).

A música vem sendo inserida relativamente em diversos trabalhos na psicologia cognitiva, biológica, clínica e também na neurociência (Rentfrow e Gosling, 2003). Fundada em 1972, a *Society for Education, Music and Psychology Research* (SEMPRE) vem tratando da psicologia da música, desde 1973 esta sociedade publica a revista *Psychology of Music*; pesquisas sobre aspectos psicológicos da música, educação musical, estudos terapêuticos e atitudinais (SEMPRE, 2007).

Autores clássicos da sociologia, como Weber e Adorno, também se debruçaram sobre o estudo da música (Outhwaite e Bottomore, 1996). Além de grandes pensadores como Platão (427-347 a.C.) ou Aristóteles (384-322 a.C.), que trataram da importância da música para a sociedade (ver revisão de Pimentel, 2004). Não obstante, a música foi raramente tratada na literatura da psicologia social e da personalidade; poucos estudos em revistas especializadas de psicologia social e da personalidade mostraram relatos de investigação desta variável (Rentfrow e Gosling, 2003).

Pesquisas sobre preferências por determinados estilos musicais mostraram correlações com traços de personalidade (Pearson e Dollinger, 2004; Pimentel e Donnelly, 2008; Rentfrow e Gosling, 2003), valores humanos (Leming, 1987; Rentfrow e Gosling, 2003, 2006), risco de suicídio (Pimentel, Gouveia, Lima, Chaves e Rodrigues, 2009; Scheel e Westefeld, 1999), bem como uso de drogas e outros comportamentos antissociais (Mulder, Bogt, Raaijmakers e Vollebergh, 2006, Pimentel, Gouveia e Vasconcelos, 2005; Singer, Levine e Jou, 1993). Outros estudos verificaram os efeitos da música no comportamento pró-social (Greitemeyer, 2009; North, Tarrant e Hargreaves, 2004), na percepção do comportamento pró e antissocial (Ballard, Dodson e Bazzini, 1999), julgamentos negativos (Fischhoff, 1999), nos pensamentos e sentimentos agressivos (Anderson et al., 2003), no uso de drogas e agressão (Chen, Miller, Grube e Waiters, 2006) e no comportamento do consumidor (Seco, 2007). Alguns estilos de música têm capturado a atenção dos pesquisadores particularmente pela frequência de comportamentos de risco nas suas letras, considerando-se principalmente o *heavy metal* e o *rap*.

### SEXO, DROGAS E ROCK'N'ROLL: É APENAS ESTA A QUESTÃO?

Além da clássica relação entre sexo, drogas e rock'n'roll, outros estilos musicais que de alguma forma foram influenciados, direta ou indiretamente, pelo *rock* passaram a se tornar preocupantes. Análises de letras têm verificado que estilos como o *heavy metal* e *rap* abordam frequentemente comportamentos de uso de drogas e comportamentos sexuais de risco (McNamara e Ballard, 1999, Fried, 2003; Tyson, 2006). Podem-se destacar dois focos no estudo sobre as letras musicais: a) considerando-se as letras como conteúdos que refletem valores e crenças dos consumidores e b) como agentes socializadores, ensinando comportamentos (Markert, 2001).

Destaque-se que estes comportamentos ensinados podem ser tanto antissociais como pró-sociais. Comportamentos antissociais, portanto, podem ser entendidos como comportamentos que quebram as normas sociais (como brincadeiras de mau gosto) ou as normas jurídicas (como o uso de drogas, Pimentel, 2004). Inclui-se ainda, nesta categoria, os comportamentos de agressão, ou seja, aqueles que tem o objetivo de ferir alguém e a violência (que se considera uma agressão extrema, como os homicídios). Já os comportamentos pró-sociais podem ser entendido como uma ampla classe de comportamentos que são benéficos para outrem (Penner, Dovidio, Piliavin e Schroeder, 2005), como os comportamentos de ajuda,

altruísmo ou cordialidade, e têm uma importância fundamental para a harmonia e bom funcionamento da sociedade (Hur e Rushton, 2007).

Com relação a isto já se passaram mais de quatro décadas de referências a drogas nas letras de músicas, desde o *rock* e a contracultura sendo que “o aspecto pró-social da música popular tem sido amplamente ignorado” (Markert, 2001, p. 194). Consoante com este dado tem-se muito debatido a influência do *rock*, desde seu início, no comportamento. E os esforços para censurar o *rock* começaram nos anos 60, quando as letras iniciavam as referências ao Satanás, sexo, drogas, violência e protesto (McNamara e Ballard, 1999).

Existem relatos de crimes ocorridos, supostamente, sob a influência de músicas exageradamente melancólicas, perturbadoras, com letras agressivas e temas psicodélicos, de bandas de *rock* e *heavy metal*, a exemplo de Marilyn Manson, Pink Floyd, Iron Maiden e Black Sabbath (Pimentel, 2004). Outros por seu turno têm destacado a ligação de astros do *rap* com atividade criminal, incluindo participação em *gangs*, disputas e brigas entre artistas (Collins, 2007; Gardner, 2004; Stubbs, 2004). Neste cenário, divulgou-se que as mortes de Christopher Wallace (Notorious B.I.G.) e Tupac Shakur (2pac), em 1997 e 1996 teriam acontecido por constantes brigas e provocações entre estes artistas rivais (Gardner, 2004; Stubbs, 2004). Estudiosos apontam a relação da preferência de jovens por essas músicas e o antipatriotismo, o antisemitismo, à homofobia, sentimentos de alienação, anonimato e depressão (Ballard et al., 1999; Lacourse, Claes e Villeneuve, 2001). Letras de músicas rotulados como sendo de *rap* e *heavy metal* foram percebidas como menos prováveis de inspirar comportamentos pró-sociais, mas não como mais prováveis de inspirar comportamentos antissociais (Ballard et al., 1999).

Pode-se constatar que a vida dos astros do *rock* tem sido polemizada, pelo envolvimento destes com o comportamento criminal, uso de drogas e álcool (Friedlander, 2002). No contexto do nordeste brasileiro, verificaram-se correlações entre preferência por estilos musicais anticonvencionais (como o *punk*, *heavy metal* e *rap*) e atitudes favoráveis frente ao uso de maconha e também com comportamentos antissociais e delitivos (Pimentel, Gouveia e Vasconcelos, 2005). Adicionalmente, neste mesmo contexto, foi verificado que estilos musicais como o *rock*, *heavy metal*, *punk* e *rap* se relacionaram negativamente com atitudes positivas frente ao sexo seguro (Gouveia, Pimentel, Diniz, Barbosa e Rivera, 2006).

Estilos que tem chamado particularmente a atenção de vários pesquisadores são o *heavy metal* e o *rap*, pelo fato de que suas letras mostram mensagem que

supostamente incentivariam à violência e sexismo, além de representar imagens misóginas, o que é visto por muitos como a glorificação do uso de drogas e consumo de bebidas alcoólicas (Fried, 2003; Tyson, 2006; Miranda e Claes, 2004). Isto tem levado a formação de estereótipos sobre os fãs destes estilos musicais (Fried, 2003) e muitos com um fundo de verdade (Rentfrow e Gosling, 2007). Fried (1996) realizou uma pesquisa experimental com estudantes da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, com as músicas “Cop Killer” (*rap*) e “Bad Man’s Blunder” (*folk*), ambas tratavam da história de um jovem que perseguiu e matou um oficial de polícia. Mas, Fried (2003) observou que a mesma letra de música quando identificada como sendo um *rap*, foi percebida mais negativamente quando esta era identificada como sendo um *folk* ou *country* e que eram percebidas mais negativamente quando apresentadas com autoria de um artista negro. Na perspectiva da percepção social, Fiscoff (1999), baseado na área de formação de impressões (modelos de Asch e Heider), também verificou, experimentalmente, que letras de *rap* têm um impacto negativo no julgamento social. Baseado no ponto de vista da teoria implícita de personalidade, o autor conclui que os participantes do seu experimento fizeram uma associação entre autoria de letras de *rap* e cometimento de crime.

Outro estudo encontrou uma forte correlação entre preferência por músicas de *rock* com temas que abordam destruição e comportamentos antissociais (Wass, Miller e Redditt, 1991). Porém, os poucos estudos realizados sobre efeitos de letras de músicas violentas produziram resultados variados, contraditórios (Anderson et al., 2003). A pesquisa experimental de Anderson e colaboradores, entretanto, demonstrou que letras de músicas com conteúdo violento influenciam os sentimentos e pensamentos agressivos daqueles a elas expostos. De acordo com o modelo teórico sociocognitivista adotado por estes pesquisadores, estas variáveis são antecedentes do comportamento agressivo. Ademais, foi observado que a exposição a letras de músicas de *rap* com referências a uso de álcool, drogas e violência pode se relacionar com agressão e uso de drogas entre jovens (Chen, Miller, Grube e Waiters, 2006).

Respostas agressivas podem ser aprendidas através da violência tal como é representada na mídia, como estabelecido por Bandura (1962 citado em Weiss, 1968). Com base na teoria sociocognitiva dos meios de comunicação de massa (Bandura, 1989), que é parte da teoria da aprendizagem social do mesmo autor (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993), pode-se entender que os comportamentos e atitudes cantados nas músicas podem ser aprendidos pelos ouvintes, por aprendizagem indireta ou vicária. Esta teoria, portanto,

ênfatisa a mídia como agente socializador (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993). E a influência da aprendizagem por observação ocorre no comportamento tanto, a curto prazo, como a longo prazo (Huesmann e Taylor, 2006).

Em defesa da aprendizagem por observação, Bandura (2008) destacou que ensinar em diversas culturas tem a mesma conotação que mostrar. O autor também destacou um modelo de relações recíprocas entre comportamento, ambiente e cognições (Bandura, 2008). A teoria sociocognitiva de Bandura predisse que o comportamento é aprendido não apenas pela observação de modelos pessoais, que são encontrados no dia-a-dia como amigos, pais ou professores, mas também pela observação de modelos nos meios de comunicação de massa (O'Rourke, 2006). Como explicado pela teoria sociocognitiva dos meios de comunicação de massa; a aprendizagem por observação ou vicária engloba o que é visto, escutado ou mesmo lido (Bandura, 1989), como uma letra de música. De fato, para Atkinson, Atkinson, Smith e Bem (2002) “segundo Bandura e outros teóricos da aprendizagem social aprendemos a nos comportar observando o comportamento dos outros, ou lendo ou ouvindo falar sobre eles” (p. 488). Este referencial teórico, teoria social cognitiva, é utilizado no presente estudo.

Em vista do até então revisto, faz-se necessário que pais, educadores e órgãos responsáveis se preocupem com o conteúdo das músicas que jovens e adolescentes estão escutando (Fried, 1996). A preocupação e consequente monitoramento ao conteúdo destas músicas estão entre as recomendações da AAP, que é contra a censura, para lidar com o problema do impacto de letras de músicas na saúde de crianças, adolescentes e jovens (American Academy of Pediatrics, 1996).

Por outro lado, é importante destacar que existem letras de músicas dos estilos citados que fazem referência a comportamentos socialmente desejáveis, mas que estas não têm chamado tanto a atenção da mídia e dos pesquisadores (Greitemeyer, 2009). Mas estas mensagens positivas através da música devem ser pesquisadas e incentivadas, pois podem gerar atitudes favoráveis frente a comportamentos socialmente desejáveis e mesmo influenciar a empatia, pensamentos pró-sociais e comportamentos (pró-sociais) de ajuda (Greitemeyer, 2009a, 2009b). Além disso, estas mensagens poderiam moderar o efeito negativo de letras de músicas que glorificam uso de drogas, *comportamentos* sexuais arriscados e vários outros *comportamentos* de risco, transmitindo valores que podem inibir estes *comportamentos* (Pimentel, 2004), promover socialização e elevar a autoestima (Dayrell, 2002).

## O PRESENTE ESTUDO

Trata-se de um estudo inspirado no modelo experimental proposto por Ballard et al. (1999). O objetivo foi verificar a percepção de jovens com relação a letras de músicas anti e pró-sociais. Pela revisão efetuada, nenhum estudo publicado no Brasil teve este objetivo. Dessa forma, acredita-se que esta pesquisa é um passo preliminar necessário para se conhecer as percepções de jovens a respeito da influência de letras de músicas neste contexto cultural. Por outro lado, possibilitará verificar se as letras previamente escolhidas como anti e pró-sociais realmente são assim percebidas. Este material poderá ser utilizado em um estudo mais estruturado posteriormente. Ainda foi objetivo verificar se as *respostas dos respondentes* na percepção de letras de músicas pró-sociais e antissociais variam em função da forma de apresentação do experimentador, do sexo e suas correlações com a idade reportada dos participantes. Neste sentido, foi manipulada a variável apresentação do experimentador. Este, certamente, é o aspecto inovador desta pesquisa em relação às pesquisas revisadas sobre violência na mídia, especificamente tratando as letras de músicas violentas e seus efeitos.

## HIPÓTESES

Com base na teoria sociocognitiva (Bandura, 1989) e na pesquisa revista para este estudo, formularam-se duas hipóteses para serem presentemente testadas. A primeira hipótese é (H1) de que as letras previamente escolhidas como antissociais e pró-sociais serão percebidas pelos participantes como capazes de influenciar o comportamento dos ouvintes (ou mais formalmente:  $H_0$ : Não existem diferenças entre a percepção das letras previamente escolhidas como antissociais e pró-sociais e  $H_a$ : Existem diferenças entre a percepção das letras previamente escolhidas como antissociais e pró-sociais). A segunda hipótese (H2) é a de que as respostas dos participantes serão diferentes em função da apresentação do experimentador.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram do estudo como respondentes uma amostra não-probabilística de 83 estudantes universitários, sendo 53 mulheres e 30 homens com idades variando de 18 a 31 anos ( $M=20$ ,  $DP=2,71$ ). Estes alunos estavam matriculados em diversos cursos, majoritariamente do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Brasília ( $n=52$ ).

## Delineamento

O presente estudo segue um delineamento quase-experimental (devido à ausência de randomização), comparando médias de um grupo experimental a um grupo controle. Utilizou-se um delineamento fatorial do tipo 2 (Apresentação do experimentador)  $\times$  2 (Letra de música)  $\times$  2 (Sexo). A variável independente, neste estudo é a apresentação do experimentador (padrão vs. alternativo) e a variável dependente corresponde às respostas dos sujeitos. O *experimentador padrão* é um adulto com cabelos curtos, calça jeans e camisa social e o *experimentador alternativo* trata-se de um jovem com cabelos longos, usando bermuda e camisa *sport*; que pudesse representar um típico fã de *heavy metal* ou *rap*.

## Procedimento

O experimentador padrão e alternativo buscaram independentemente sujeitos para responder os questionários da pesquisa. Os sujeitos foram abordados individualmente e em pequenos grupos. No grupo experimental o experimentador alternativo solicitou que os participantes avaliassem se as letras de músicas escolhidas poderiam instigar mais comportamentos pró-sociais ou antissociais (avaliados num contínuo). A mesma solicitação foi feita no grupo de controle sendo que pelo experimentador padrão. O anonimato das respostas foi garantida em cada grupo, informando-se de que se tratava de uma pesquisa com fins acadêmicos, que as repostas seriam tratadas estatisticamente e que poderiam declinar da participação na tarefa a qualquer momento mas que a participação era muito importante. Ao finalizar a tarefa foram dirigidos os agradecimentos de praxe pela colaboração voluntária dos participantes.

## Letras de músicas

Foram selecionados trechos de músicas traduzidas para verificar as interpretações dos participantes acerca de potencial influência destas letras na antisocialidade e prosociabilidade. Tais avaliações deveriam ser aferidas pela pergunta “O que o tema principal desta letra de música está promovendo?”: Comportamento pró-social (1) a antissocial (7), numa escala do tipo Likert. Esta escala tem o objetivo de medir a percepção dos participantes quanto aos efeitos que escutar a música poderia ter no comportamento do ouvinte. Para a avaliação dos participantes, têm-se quatro letras de músicas com teor antissocial (letras 1-4) e quatro letras com teor pró-social (letras 5-8) impressas em uma folha de papel ofício. Das oito letras de músicas escolhidas, seis são traduções de músicas de *heavy metal* e *rap* e duas letras são de artistas nacionais e já estavam em português.

Os trechos das músicas antissociais escolhidas foram das músicas (apresentadas sempre nesta sequência): Letra 1: Battery (Disco: Master of Puppets, 1986; Banda: Metallica); Letra 2: Raining Blood (Disco: Reign in Blood, 1986; Banda: Slayer); Letra 3: My Name Is (Disco: The Slim Shady LP, 1999; Artista: Eminem) e Letra 4: Go to Church (Disco: Laugh Now, Cry Later, 2006; Artista: Ice Cube). As letras pró-sociais escolhidas foram (sempre apresentadas nesta sequência): Letra 5: Rap do Sem Preconceito (Artistas: Adriano e Nani); Letra 6: A Vida é Desafio (Disco: Nada Como um Dia Após o Outro Dia, 2002; Banda: Racionais Mc's); Letra 7: Enter Sandman (Disco: Metallica, 1991; Banda: Metallica) e Letra 8: Bloodsuckers (Disco: Demolition, 2001; Banda: Judas Priest). Todas as letras foram coletadas no site de letras traduzidas <http://letras.terra.com.br>. Na segunda parte deste instrumento foram coletados dados sobre idade, sexo e curso dos participantes.

## Análise dos dados

Os dados foram digitados e analisados mediante o pacote estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) para Windows® (Dancey e Reidy, 2006; SPSS, 2004). Foi realizada a análise exploratória dos dados e calculadas estatísticas descritivas para a caracterização da amostra e não foram encontrados casos faltosos ou atípicos extremos (Moore, 2000; Tabachnick e Fidel, 1996). As letras de músicas foram analisadas pelas suas médias; buscando verificar quais eram percebidas como mais pró-sociais (pontuações 1, 2 e 3) e antissociais (pontuações 5, 6 e 7). Para tanto, foi realizada uma análises múltipla de variância (MANOVA) de medidas repetidas.

## RESULTADOS

Com o objetivo de verificar se existem diferenças com relação à percepção de músicas antissociais e pró-sociais, realizou-se uma MANOVA de medidas repetidas com um fator intra-sujeito (a percepção de letras de músicas) e dois fatores entre-sujeitos (apresentação do experimentador e sexo). As hipóteses deste estudo foram testadas de acordo com esta análise.

H1: *Letras previamente escolhidas como antissociais e pró-sociais serão assim percebidas pelos participantes.*

Considerando a amostra total de respondentes, a percepção de letras de músicas apresentou diferenças estatisticamente significativas intra-sujeitos ( $F=78,885$ ,  $\eta^2=0,88$ ,  $p=0,000$ ,  $\lambda$  de Wilk's=0,12). Portanto, de acordo com a primeira hipótese, todas as letras de músicas previamente escolhidas como antissociais e

pró-sociais foram percebidas como capazes de inspirar comportamentos antissociais e pró-sociais nos ouvintes. Como se verifica na Tabela 1, a Letra 3 (com tema violento); “My Name Is” do artista de *rap* Eminem foi considerada como a mais provável de inspirar comportamentos antissociais ( $M=6,04$ ,  $DP=1,20$ ) e a Letra 5 (com tema de combate ao preconceito e discriminação); “Rap do Sem Preconceito” de Adriano e Nani como a mais provável de influenciar comportamentos pró-sociais ( $M=2,20$ ,  $DP=1,19$ ). O teste de contrastes intrassujeitos não mostrou diferença estatisticamente significativa das letras (pró-sociais) 7 e 8.

## H2: *Influência da apresentação do experimentador nas respostas dos sujeitos*

Verificou-se a importância da forma de apresentação do experimentador na percepção de letras de músicas, corroborando a segunda hipótese formulada. Observa-se na Tabela 2 que a variável apresentação do experimentador explicou 24% da variância das respostas dos participantes na percepção das letras de músicas pró-sociais e antissociais ( $F = 3,211$ ,  $\eta^2 = 0,24$ ,  $p = 0,05$ ,  $\lambda$  de Wilk's = 0,77). Como ilustrado na Figura 1, os respondentes *expostos* ao *experimentador alternativo* perceberam as letras de músicas mais pró-sociais do que os *expostos* ao *experimentador padrão*. Ademais, verificou-se que os respondentes *expostos* ao *experimentador alternativo* perceberam as letras de músicas mais antissociais do que os *expostos* ao *experimentador padrão*.

Por fim, não foi verificado efeito da variável sexo na percepção de letras de músicas nem da interação Sexo X Apresentação do Experimentador e nenhuma correlação (correlação de Pearson) estatisticamente significativa entre idade e percepção de letras de músicas.

## DISCUSSÃO

Na presente pesquisa verifica-se que (a) letras de músicas de *rap* e *heavy metal* previamente escolhidas como antissociais são percebidas como inspiradoras de comportamentos antissociais, mas que também (b) letras de músicas dos mesmos estilos escolhidas previamente como inspiradoras de comportamentos pró-sociais são percebidas como podendo influenciar comportamentos pró-sociais. Outra contribuição específica (c) é que foi corroborada ainda a hipótese de que a apresentação do experimentador influiria na percepção das letras de músicas. Por outro lado, não se verificou correlação entre idade e percepção das letras de músicas, do sexo, nem da interação entre sexo e apresentação do experimentador.

Verifica-se que os sujeitos expostos ao apresentador alternativo perceberam as letras de músicas mais pró-sociais e antissociais em comparação com os sujeitos expostos ao apresentador padrão. Uma possível explicação para isto é que os participantes perceberam o apresentador alternativo realmente como um fã de *heavy metal* ou *rap* e que através das suas respostas buscaram criticá-lo. Neste sentido, pode-se dizer que a apresentação deste experimentador incrementou as respostas dos participantes sobre a avaliação de letras de músicas.

Considerando as percepções dos respondentes sobre a influência das letras de músicas no comportamento dos ouvintes, é importante destacar que este trabalho pode ser entendido como uma contribuição empírica para a teoria sociocognitiva dos meios de comunicação de massa (Bandura, 1989) e especificamente para a recente área de pesquisas empíricas sobre letras de músicas agressivas (Anderson et al., 2003; Ballard et al., 1999; Chen et al., 2006; American Academy of Pediatrics, 1996). Por outro lado, corrobora a influência positiva de letras de músicas com conteúdos pró-sociais (Greitemeyer, 2009a, 2009b). E, certamente, o que é mais importante destacar é que os mesmos estilos musicais (*rap* e *heavy metal*) com letras pró-sociais são percebidos positivamente. Obviamente que as letras de músicas de bandas de estilos musicais alternativos não se limitam apenas a sexo, drogas, violência e *rock'n'roll*.

Destaque-se, neste sentido, que pesquisas sistemáticas devem focar-se nos subgêneros *death metal* e *black metal*, além do *gangsta rap*, pelo conteúdo das letras destes estilos musicais (Fishoff, 1999; Reddick e Beresin, 2002). Além disso, deve-se ressaltar que os artistas de *rap*, *heavy metal* ou outros estilos musicais deveriam dar mais ênfase na promoção de comportamentos pró-sociais em suas letras e não incentivar comportamentos antissociais. Enfatizando comportamentos de ajuda, cooperação, contestação política, responsabilidade social, luta pelos direitos do cidadão, questões sociais como a preservação do meio-ambiente e a paz, trabalho honesto e divertimento saudável. Não estamos esquecendo, no entanto, que pode-se encontrar artistas que tem desempenhado um papel social importante, atuando em ONG's e defendendo a paz, os direitos do trabalhador e classes oprimidas. Destaca-se, por outro lado, que estes deveriam ser cada vez mais a maioria.

O foco nestes comportamentos impacta positivamente no comportamento dos fãs, dos jovens e adolescentes. Seriam imprescindíveis para a formação de uma percepção positiva destes estilos musicais alternativos por parte da sociedade, diminuindo a percepção de que estas letras musicais influenciariam

menos comportamentos pró-sociais (Ballard et al., 1999). Esta percepção social positiva diminuiria o efeito de estereótipos de fãs (Fried, 2003; Rentfrow e Gosling, 2007) e grupos musicais (Friedlander, 2002), tornando menos prováveis comportamentos negativos como a discriminação e influenciando os próprios comportamentos dos jovens numa direção mais socialmente desejável. E outras pesquisas realizadas dão fundamento para esta afirmação (Anderson et al., 2003; Greitemeyer, 2009a, 2009b).

Do ponto de vista metodológico, mostrou-se que os vieses do experimentador devem ser controlados na realização do estudo, assim como na administração e teste de instrumentos psicológicos. Na presente pesquisa, a apresentação do experimentador (viés) foi testada, tendo-se um tipo padrão e um que representasse um fã de *heavy metal* ou *rap*. Futuramente, outros aspectos podem ser testados, aquilando sua influência nas respostas dos participantes, nos resultados da pesquisa.

Pesquisas futuras devem coletar questões sobre a preferência musical dos participantes (Ballard et al., 1999; Pimentel, Gouveia e Pessoa, 2007; Gouveia, Pimentel, Santana, Chaves e Rodrigues, 2008) dada a importância deste aspecto para grupos específicos (Bakagiannis e Tarrant, 2006; Fried, 2003; Pimentel, 2004). E controles adicionais devem ser implementados no laboratório.

## CONCLUSÕES

A percepção de letras de músicas é uma área que merece ainda muitos estudos numa perspectiva psicossocial. Devendo-se entrar explicitamente na agenda da psicologia social que aborda o efeito de meios de comunicação de massa, como a TV, os filmes, vídeos games e vídeo clipes (Huesmann et al., 1997). Estes estudos devem ser realizados preferencialmente a partir de uma perspectiva em que se leve em consideração “os dois lados da moeda” ou todas as dimensões do fenômeno. Isto significa afirmar que é necessária a consideração do uso e não uso de drogas, da promiscuidade sexual, mas também do cuidado nas relações, dos comportamentos antissociais e dos pró-sociais.

Certamente com base nesta perspectiva será possível conseguir um conhecimento maior das relações entre efeitos de músicas, percepção destes efeitos, formação de estereótipos e impacto no comportamento, cognição e emoção. Neste sentido, se fazem necessários estudos que visem verificar empiricamente o impacto das letras de músicas e músicas na percepção (Ballard et al., 1999), efeitos de curto-prazo e também de longo-prazo nos pensamentos e sentimentos (Anderson et al.

2003), mas sobretudo no comportamento de jovens e adolescentes. Por outro lado, de acordo com que estilo musical se pretende estudar pode ser importante a inclusão de outros grupos etários. Ademais, pesquisas experimentais e longitudinais podem jogar luz na direção de causalidade e a percepção social pode jogar um papel importante (Fried, 1996), mediador e/ou moderador, na relação entre a exposição a letras de músicas e comportamentos sociais.

## REFERÊNCIAS

- American Academic of Pediatrics, Committee on Communications (1996). Impact of music lyrics and music videos on children and youth. *Pediatrics*, 98, 6, 1219-1221.
- American Psychological Association. *Task Force on the Sexualization of Girls*. (2007). Report of the APA Task Force on the Sexualization of Girls. [Online]. Washington, DC. <http://www.apa.org/pi/wpo/sexualization.html> [capturado em 21 nov. 2008].
- Anderson, C. A., Carnagey, N. L., & Eubanks, J. (2003). Exposure to violent media: the effects songs with violent lyrics on aggressive thoughts and feelings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 960-971.
- Atkinson, R. L., Atkinson, R. C., Smith, E. E., & Bem, D. L. (2002). *Introdução à psicologia*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ballard, M. E., Dodson, A.R., & Bazzini, D. G. (1999). Genre of music and lyrical content: Expectation effects. *The Journal of Genetic Psychology*, 160, 4, 476-487.
- Bandura, A. (2008). A evolução da teoria social cognitiva. In A. Bandura, R. G. Azzi, & S. Polydoro (eds.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp. 15-41). Porto Alegre: ArtMed.
- Bandura, A. (1989). Social cognitive theory of mass communication. In J. Groebel, & P. Winterhoff-Spurk (eds.). *Empirische Medienpsychologie* (pp. 7-32). Munich, Germany: Psychologie Verlags Union.
- Bakagiannis, S., & Tarrant, M. (2006). Can music bring people together? Effects of shared musical preference on intergroup bias in adolescence. *Scandinavian Journal of Psychology*, 47, 129-136.
- Chen, M.-J., Miller, B. A., Grube, J. W., & Waiters, E. D. (2006). Music, substance use, and aggression. *Journal of Studies on Alcohol*, 67, 373-381.
- Collins, P. F. (2007). *From Consciousness to Callousness: The Misdirected Path of Rap*. Gallaudet University.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Dayrell, J. (2002). O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, 28, 1, 117-136.
- DeFleur, M.L., & Ball-Rokeach, S. (1993). *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Fischhoff, S.P. (1999). Gangsta' rap and a murder in Bakersfield. *Journal of Applied Social Psychology*, 29, 4, 795-805.
- Fried, C. B. (1996). Bad rap for rap: Bias in reactions to music lyrics. *Journal of Applied Social Psychology*, 26, 2135-2146.
- Fried, C. B. (2003). Stereotypes of music fans: Are rap and heavy metal fans a danger to themselves or to others? *Journal of Media Psychology*, 8, 3. [Online] <http://course1.winona.edu/CFried/> [capturado em 01 dez. 2008].
- Friedlander, P. (2002). *Rock and roll: uma história social*. Rio de Janeiro: Record.

- Gardner, T. (2004). The political delinquent: Crime, deviance, and resistance in black America. *Harvard Black Letter Law Journal*, 20, 137-161.
- Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Diniz, P. K. C., Barbosa, A. A. G., & Rivera, G. A. (2006). Preferência por gêneros musicais excitantes e atitudes frente ao sexo seguro. Trabalho apresentado na XXXVI Reunião Anual de Psicologia da SBP, Salvador, BA.
- Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Santana, N. L., Chaves, W. A., & Rodrigues, C. A. (2008). Escala abreviada de preferência musical (STOMP): Evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Psico*, Porto Alegre: PUCRS, 39, 2, 201-210.
- Greitemeyer, T. (2009a). Effects of songs with prosocial lyrics on prosocial thoughts, affect, and behavior. *Journal of Experimental Social Psychology*, 45, 186-190.
- Greitemeyer, T. (2009b). Effects of songs with prosocial lyrics on prosocial behavior: Further evidence and a mediating mechanism. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35, 1500-1511.
- Huesmann, L. R., & Taylor, L. D. (2006). The role of media violence in violent behavior. *Annual Review of Public Health*, 27, 393-415.
- Huesmann, L. R., Moise, J. F., & Podolski, C. (1997). The effects of media violence on the development of antisocial behavior. Em D. M. Stoff, J. Breiling, & J.D. Maser (orgs.). *Handbook of Antisocial Behavior* (pp. 181-192). USA, New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Hur, Y-M., & Rushton, J. P. (2007). Genetic and environmental contributions to pro-social behaviour in 2- to 9-year-old South Korean twins. *Biology Letters*, 3, 664-666.
- Huron, D. (1999). Lecture 2: An instinct for music: Is music an evolutionary adaptation? In The 1999 Ernest Bloch Lectures. [Online] [www.musiccog.ohio-state.edu/Music220/Bloch.lectures/2.Origins.html](http://www.musiccog.ohio-state.edu/Music220/Bloch.lectures/2.Origins.html) [capturado em 26 out. 2006].
- Lacourse, E., Claes, M., & Villeneuve, M. (2001). Heavy metal music and adolescent suicidal risk. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 3, 321-331.
- Leming, J. S. (1987). Rock music and the socialization of moral values in early adolescents. *Youth & Society*, 18, 4, 363-383.
- Markert, J. (2001). Sing a song of drug use-abuse: Four decades of drug lyrics in popular music-From the sixties through the nineties. *Sociological Inquiry*, 71, 2, 194-220.
- Mcnamara, L., & Ballard, M. E. (1999). Resting arousal, sensation seeking, and music preference. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 125, 3, 229-250.
- Miranda, D., & Claes, M. (2004). Rap music genres and deviant behaviors in french-canadian adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33, 2, 113-122.
- Moore, D. S. (2000). *The basic practice of statistics*. New York: W.H. Freeman and Company.
- Mulder, J., Bogt, T., Raaijmakers, Q., & Vollebergh, W. (2006). Music taste groups and problem behavior. *Journal of Youth and Adolescence*, 36, 3, 313-324.
- North, A. C., Tarrant, M., & Hargreaves, D. J. (2004). The effects of music on helping behavior: A field study. *Environment and Behavior*, 36, 266-275.
- O'Rourke, K. (2006). Social learning theory and mass communication. *ABEA Journal*, 25, 72-74.
- Outhwaite, W., & Bottomore, T. (1996). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Pearson, J. L., & Dollinger, S. J. (2004). Music preference correlates of Jungian types. *Personality and Individual Differences*, 36, 1, 1005-1008.
- Penner, L. A., Dovidio, J. D., Piliavin, J. A., & Schroeder, D. A. (2005). Prosocial behavior: Multilevel perspectives. *Annual Review of Psychology*, 56, 365-392.
- Pimentel, C. E., & Donnelly, E.D.O.P. (2008). A relação da preferência musical com os cinco grandes fatores da personalidade. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 28, 682-713.
- Pimentel, C. E., Gouveia, V. V., & Pessoa, V. S. (2007). Escala de preferência musical: construção e comprovação da sua estrutura fatorial. *Psico-USF*, 12, 2, 145-155.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamento antissocial* [dissertação de Mestrado em Psicologia Social], Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Pimentel, C. E., Gouveia, V. V., & Vasconcelos, T. C. (2005). Preferência musical, atitudes e comportamentos antissociais entre estudantes adolescentes: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia*, 22, 4, 403-413.
- Pimentel, C. E., Gouveia, V. V., Lima, N., Chaves, W. A., & Rodrigues, C. A. (2009). Preferência musical e risco de suicídio entre jovens. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 58, 1, 26-33.
- Reddick, B. H., & Beresin, E. V. (2002). Rebellious, rhapsody, metal, rap, community, and individuation. *Academic Psychiatry*, 26, 1, 51-59.
- Rentfrow, P. J., & Gosling, S. D. (2006). Message in a ballad: The role of music preferences in interpersonal perception. *Psychological Science*, 17, 3, 236-242.
- Rentfrow, P. J., & Gosling, S. D. (2003). The do re mi's of everyday life: The structure and personality correlates of music preference. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 6, 226-236.
- Rentfrow, P.J., & Gosling, S.D. (2007). The content and validity of music-genre stereotypes among college students. *Psychology of Music*, 35, 2, 306-326.
- Scheel, K. R., & Westefeld, J. S. (1999). Heavy metal music and adolescent suicidality: an empirical investigation. *Adolescence*, 34, 134, 253-273.
- Seco, D. (2007). *Efeitos de música ambiente sobre o comportamento do consumidor: análise comportamental do cenário de consumo*. [tese de Doutorado], Universidade de Brasília, Brasília.
- Sempre. (2007). Society for education, music and psychology research. Activities. [Online]. <http://www.semper.org.uk/> [capturado em 02 maio 2007].
- Silva, D.F.F. (2008). *A história da Parents Music Resource Center (PMRC)*. [Online]. <http://whiplash.net/materias/curiosidades/070046-twistedstisister.html> [capturado em 22 jun. 2009].
- Singer, S. L., Levine, M., & Jou, S. (1993). Heavy metal music preference, delinquent friends, social control and delinquency. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 30, 3, 317-329.
- SPSS (2004). *SPSS 13® Base user's guide*. Chicago.
- Stubbs, J. K. (2004). *The effects of rap music on the reckless behavior of college students* [thesis], Florida State University School of Music.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Harper Collins: New York, NY.
- Tekman, H. G., & Hortaçsu, N. (2002). Music and social identity: stylistic identification as a response to musical style. *International Journal of Psychology*, 37, 5, 227-285.
- Tyson, E. H. (2006). Rap-music attitude and perception scale: a validation study. *Research on Social Work Practice*, 16, 2, 211-223.
- Wass, H., Miller, D. M., & Reditt, C. A. (1991). Adolescent and destructive themes in rock music: A follow up. *OMEGA: Journal of Death and Dying*, 23, 3, 199-206.
- Weiss, W. (1968). Effects of the Mass Media of Communication. Em G. Lindzey e E. Aronson (eds.). *The handbook of social psychology* (pp. 77-196). USA: California, Addison-Wesley Publishing Company.

Recebido em: 22/09/2009. Aceito em: 30/11/2009.

**Autores:**

Carlos Eduardo Pimentel – Bolsista do CNPq no Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações na Universidade de Brasília.  
Hartmut Günther – Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Professor Titular do Instituto de Psicologia da UnB e do Curso de Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da Universidade de Brasília.

**Enviar correspondência para:**

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações – Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília  
Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte – Caixa Postal 4500  
CEP 70919-970, Brasília, DF, Brasil  
Tel.: (61) 3307-2625 ramal 220 – Fax: (61) 3273-8259  
E-mail: carlospimentel@unb.br  
hartmut.gunther@gmail.com